

Por Patrícia Capó com Thais Santi
Especial para *O Papel*



SUZANO E FIBRIA: A COMBINAÇÃO DE ATIVOS E BASES ACIONÁRIAS PARA GERAR A MAIOR EMPRESA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

As previsões dos analistas de mercado sobre a consolidação do setor de celulose e papel, anunciadas há alguns anos, confirmaram-se no cenário atual, no qual a Suzano mostra seu poder competitivo pela operação e que faz nascer a quinta maior empresa do Brasil

O inacreditável aconteceu para muitos que achavam ser boatos a recente notícia veiculada por sites e jornais de negócios sobre o que se pode entender como a compra da Fibria pela Suzano. Tecnicamente, a assinatura do acordo pela Suzano Papel e Celulose – anunciado oficialmente no dia 16 de março último – gera uma combinação de seus ativos e bases acionárias com os da Fibria Celulose S.A., que hoje tem como acionistas controladores a Votorantim S.A. e o BNDES Participações S.A. (BNDESPAR).

Será a maior empresa do agronegócio brasileiro e a quinta maior companhia não financeira do País que surgirá após a operação ser concluída, depois de aprovada em assembleias de acionistas da Suzano e da Fibria com análise e aprovação também pelas autoridades concorrenciais no Brasil e exterior. Avaliada em R\$ 83 bilhões, a Suzano-Fibria, que não tem planos ainda de mudar de nome, ficará atrás no ranking apenas da Petrobras (a maior do Brasil), seguida por Ambev, Vale e Telefônica.

“Estamos transformando em realidade o sonho de criar uma em-

presa que será um orgulho para o Brasil em um setor que o País já é um orgulho: o do agronegócio”, disse Walter Schalka, presidente da Suzano Papel e Celulose, ao anunciar o acordo. Ao olhar para as duas companhias em busca de valores semelhantes, Schalka disse que se pode observar que as duas são fortes e gentis e que ambas têm o DNA da inovação. “Nossa base global de clientes atenderá a mais de 90 países, sendo 16% na América do Norte, 23% na América do Sul, 26% na Europa e 34% na Ásia (considerando papel e celulose).

Em sua estrutura, os números também demonstram o potencial conquistado pela nova empresa. A nova gigante agrupará 37 mil colaboradores (diretos e terceiros), 11 unidades industriais e capacidade de produção anual de 11 milhões de toneladas de celulose de mercado e de 1,4 milhão de toneladas de papel, com volumes anuais de exportação de cerca de R\$ 18 bilhões e investimentos anuais previstos para 2018 de aproximadamente R\$ 6,4 bilhões. Como adiantou Schalka, os futuros líderes para o comando das operações serão escolhidos pelo critério da meritocracia.

Em comunicado oficial divulgado à imprensa, Marcelo Castelli, presidente da Fibria, afirmou que o acontecimento representa o fortalecimento do setor de base florestal do Brasil. “A combinação de Fibria e Suzano seguramente consolidará essa trajetória de desenvolvimento sustentado, excelência operacional, dedicação e talento das pessoas, respeito ao meio ambiente e às comunidades, e contribuição para o País”, disse o executivo.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Paulo Rabello de Castro, presente à solenidade de anúncio do acordo, considerou a operação como um fenômeno extraordinário e benéfico para a economia brasileira, confirmando todo o apoio do banco ao negócio, que está em linha com a meta de promover mais inovação no Brasil. “Operações extraordinárias são feitas só por pessoas altamente confiáveis e extraordinárias, como os empresários, executivos e acionistas que participaram da elaboração do melhor modelo de acordo.”

Como parte do acordo, acionistas da Fibria receberão R\$ 29,04 bilhões e 255 milhões em ações ordinárias da Suzano. Para tornar a operação possível, a Suzano informou que garantiu US\$ 9,2 bilhões em linhas de financiamento de um grupo de bancos internacionais (BNP Paribas, J.P. Morgan, Mizuho e Rabobank). O custo caixa da operação estará entre os mais baixos do mundo no setor de celulose e papel, garantindo ainda mais competitividade para a Suzano.

A dívida consolidada entre as duas empresas, conforme balanço de 31 de dezembro de 2017, é de R\$ 21 bilhões, sendo que com a captação de recurso prevista na operação ela passará a ser de R\$ 50 bilhões. Contudo, o que foi bem pontuado por Schalka durante sua apresentação no evento realizado em São Paulo para comunicar o surgimento da Suzano-Fibria é o compromisso com a política de redução do endividamento, a partir da disciplina financeira hoje já vigente na Suzano. “Com forte geração de caixa, vamos elevar em 44% o valor das ações da nova empresa.”

Durante a coletiva de imprensa, realizada na mesma data do anúncio oficial do acordo Suzano-Fibria, Schalka garantiu que a nova planta de produção de lignina, prevista para este ano, manterá o cronograma de inauguração e que os negócios da Suzano no setor de papel nada se alteram com a nova empresa. “Para definir futuras estratégias de atuação global da Suzano-Fibria com seus bioprodutos, entre outras inovações, vamos reunir as equipes das duas empresas para direcionar os melhores caminhos”, destacou Schalka.

Para o presidente da Suzano, o processo de ganho de sinergia entre Suzano e Fibria deverá levar de dois a três anos, pela experiência ocorrida no passado entre Aracruz e VCP. O diretor executivo de Finanças e Relações com Investidores da Suzano, Marcelo Bacci, posicionou que futuramente será decidido se a Fibria será incorporada à Suzano, dependendo da análise de diversos fatores, entre eles, questões tributárias. Por enquanto, até a aprovação efetiva do acordo de combinação de ativos e bases acionárias, Fibria Celulose S.A. e Suzano Papel e Celulose continuam operando normalmente e de forma independente. ■

Walter Schalka (à esquerda), presidente da Suzano, com Marcelo Bacci, diretor executivo de Finanças e Relações com Investidores da Suzano durante a coletiva de imprensa

